

Coluna Militar a Nova Viseu

Vila Cabral (actualmente Lichinga), Norte de Moçambique, Distrito do Niassa (actualmente Província do Niassa), 23 de Dezembro de 1969.

Eram cerca das 10:00 de uma manhã em que o sol teimosamente tentava espreitar por entre as nuvens carregadas. O dia estava húmido, já tinha chovido e pelo aspecto do céu, adivinhava-se que a chuva não ia ficar por ali. Estávamos no tempo dela e nesta época do ano, quando as nuvens descarregam, a terra fica irreconhecível, tal são os caudais de água que se formam, arrancando tudo á sua passagem. Por isso se chama época das chuvas. É em simultâneo o período mais quente do ano e os dias são abafados, quentes e húmidos.

O pessoal do 2º Pelotão do Esquadrão de Reconhecimento de Cavalaria 1, estava taciturno adivinhando o Natal que se aproximava e que íamos passar longe dos pais, irmãos e restante família. O cabo miliciano vagomestre Almeida, atarefava-se nos preparativos para a ceia de Natal, num esforço de proporcionar uma refeição o mais parecida possível com aquela que teríamos se estivéssemos em casa. Ele sabia que o nosso capitão Caetano, assim o exigia. Nós já estávamos mentalizados que esse Natal seria passada entre os nossos camaradas, a nossa nova e efémera família. Enquanto bebericávamos umas 2M (marca de cerveja Moçambicana), fazíamos contas ás horas que faltavam para a consoada e quantos mais Natais ainda teríamos de passar longe das nossas verdadeiras famílias.

Com estes pensamentos e alguma cavaqueira sem interesse, aguardávamos que o Almeida e o 1º cabo “tolinhas”, nos dissessem para irmos almoçar. Eis quando aparece o Alferes Moura, comandante do nosso pelotão a informar-nos que ás duas da tarde tínhamos de sair para escoltar uma coluna de viaturas da Companhia de Transportes, para Nova Viseu. Rapidamente os nossos pensamentos se transformaram em palavras insultuosas e palavrões para os “gajos” do Comando de Sector que se lembraram em vésperas de Natal, mandar a “malta” para Nova Viseu. Em circunstâncias normais era coluna para dois dias, um de ida e outro de volta, se tudo corresse bem. A picada era um amontoado de buracos provocados pelas minas que aqui e acolá tinham rebentado e outros ainda maiores resultantes de “atascansos” em meses e anos anteriores, de viagens e colunas feitas na época das chuvas e que nunca na vida tinham sido reparados. Para além disso havia aquela subida interminável para o Litunde onde os motores roncavam reclamando do esforço extremo que lhes era exigido.

O Natal para nós e para os tipos dos transportes, estava “lixado”. Mas não havia nada a fazer. Na tropa as ordens são para serem cumpridas. E, de preferência, bem cumpridas, sem discutir, mesmo que não nos agradem.

Prevendo que não passaríamos o Natal com os nossos camaradas, dissemos ao Alferes cuja mulher e filho de 4 anos tinham vindo de Portugal para junto dele e estavam instalados na cidade, que dessa vez ele não vinha connosco pois o mais provável era ter de passar o Natal afastado da família. A resposta do Moura foi imediata: “ estarei onde os meus homens estiverem”. Mesmo que não quiséssemos nós “éramos os homens dele” Já estávamos habituados a estas respostas, não era a primeira vez nem seria a última que nos responderia desta forma. Apesar dos nossos apelos nada nem ninguém o conseguiu demover.

Quando digo “nós”, refiro-me a mim, ao Viriato e ao 2º sargento miliciano Carvalho, os graduados do Pelotão e porta vozes dos restantes camaradas.

Tenho de fazer uma referência especial ao Alferes Moura, o nosso comandante de pelotão. Era uma pessoa muito educada, simpática, o maior e melhor camarada que se possa imaginar mas, como miliciano que era, não percebia muito de tropa nem de guerras, confiava totalmente em nós furriéis e em todo o pessoal do Pelotão. Os galões eram usados sempre para nos proteger, defender quando necessário e para falar em nosso nome quando as circunstâncias o exigiam. Perdi o seu contacto. Gostava de saber, passados estes anos que estava bem.

Á 14:00 em ponto, depois de todos termos almoçado e de termos mandado um motorista buscar o alferes a casa, ele, “desembarcou” do Jeep, de camuflado impecavelmente lavado e passado a ferro, contrastando com os nossos, um pouco mais descuidados. Perguntou-nos: “ onde é que vou?”. Lá indicamos uma Mercedes, com banco forrado e cabine fechada, um pouco mais confortável que as restantes viaturas. Entregamos-lhe a G3, cartucheiras uma Walter e quatro granadas, duas ofensivas e duas defensivas.

Eu seguiria no rebenta minas até mais ou menos metade do percurso e depois trocaria com outro camarada. Instalei na cabine um saco de lona com duas fardas para muda, pois sabia que ia haver borrasca já que o céu estava cada vez mais escuro, com nuvens pesadas.

O alferes Moura deu ordem de marcha poucos minutos depois das duas da tarde.

Os objectivos eram os seguintes: primeiro, escoltar a coluna e segundo, chegar a horas da ceia de Natal para que o Alferes pudesse passá-la com a mulher e o filho. O segundo objectivo era para todo o pessoal, o mais importante. Todos estavam de acordo com isso, portanto era preciso carregar no acelerador. E nisso, o condutor Mealha, do rebenta-minas, era um especialista

Era tradição do 2º pelotão, ir sempre um graduado, que também podia ser o alferes, no rebenta minas, de pé de forma bem visível e outro na última viatura. Assim podíamos controlar melhor a ligação das viaturas de preferência á vista. Mas, normalmente o alferes seguia no meio da coluna.

Ao fim de pouco mais de duas horas de viagem, as nuvens já tinham despejado violentamente por duas vezes a água que carregavam com curtos intervalos sem que sol abrasador do Dezembro africano, conseguisse secar as nossas fardas. Eu já tinha esgotado as minhas mudas de fardamento. A noite aproximava-se e iria ser fria no alto da montanha que a coluna tinha de subir. Já tínhamos passado a povoação de Homem e resolvemos fazer uma pequena paragem na povoação seguinte para comermos as rações de combate antes do anoitecer, para depois começarmos a subir em zig-zag até ao Litunde.

Apesar da distância ser relativamente curta entre Vila Cabral e Litunde, cerca de 70 Kms, havia de ter em atenção que estávamos em guerra e ao “virar da esquina” podíamos ter uma emboscada ou flagelação dos camaradas da Frelimo. Portanto todo o cuidado era pouco e o avanço era lento com paragens à entrada de pontes e pontões fazer o reconhecimento com envolvimento apeado. O mesmo se passava com as encostas montanhosas que são os locais privilegiados para emboscadas. O pessoal do rebenta minas que para além do condutor éramos eu e o apontador de metralhadora, tentávamos detectar na estrada lavada pela enxurrada, indícios de “plantação” de minas. Neste caso a água da chuva era um aliado pois deixava-as a descoberto ou fazia um abatimento de solo diferente dos outros, nos locais onde estavam enterradas. A velocidade média seria por isso de 10 a 15 Kms por hora.

Rapidamente anoiteceu. A noite estava escura, sem luar os nossos olhos bem se esbugalhavam para tentar vislumbrar a zona envolvente mas, a única coisa que víamos era o foco amarelado das luzes da Berliet, a noite estava escura como breu. Mas, de repente, após uma curva na montanha, aconteceu algo para o qual não estávamos preparados.

Estávamos cercados. Cercados de sanguinolentos olhos vermelhos que piscavam á nossa volta prontos a atacar. Mandei parar. O resto da coluna aproximou-se e também viu o mesmo que eu. Ninguém falava, as mãos retesadas nas G3s. Ninguém sabia que merda era aquela. O cagaço era enorme. Disparei uma rajada curta mas aquela pôrra nem se mexeu e os olhos continuavam, ás centenas sem se afastarem, a piscarem. Ganhei coragem e embrenhei-me no mato para ver o que era. Rapidamente soube o que nos tinha causado tanto susto.

Tinha havido uma queimada no mato e vários troncos de árvores, ainda tinham algumas brasas que não se tinham apagado com a chuva. A brisa que entretanto se tinha levantado, ateava essas centenas de brasas que na escuridão da noite nos pareceram ser olhos vermelhos a piscarem, envolvendo a picada, cercando-nos.

Rimo-nos do susto, aliviados e seguimos viagem depois de eu ter trocado de lugar com o sarg. Miliciano Carvalho. Eu passei para a última Mercedes, onde “viajava” uma secção de atiradores, instalados sobre o oleado que cobria a carga. O Mealha, condutor baixinho do rebenta minas, em pé sobre o acelerador (doutra forma mal chegava lá), reiniciou o andamento e atrás dele todas as outras viaturas.

Passamos pelo Litunde, já depois das dez da noite. O Pelotão da guarnição já devia estar recolhido e nem devem ter dado pela nossa passagem. Estávamos com pressa de cumprir a nossa missão e regressar rapidamente a Vila Cabral. Começamos a descer a montanha que antes tínhamos penosamente subido. As viaturas militares rodavam mais aliviadas, mas era preciso cuidado não deixar que atingissem velocidades depois difíceis de controlar. Há mais de 6 horas que tinha parado de chover, embora a atmosfera continuasse húmida e o céu escuro. Rapidamente atingimos terreno plano embora os sulcos profundos na picada, indicassem terreno macio, provocado pelas chuvadas torrenciais e vincado pelos rodados de viaturas pesadas de anteriores colunas militares. Os taipais das Mercedes roçavam as bermas e quase se podia tocar com as mãos nas mesmas. Os camiões pareciam traineiras em mar de forte ondulação, inclinando-se ora para bombordo ora para estibordo. Numa das mãos ia a G3, a outra servia para nos agarrarmos ás cordas que prendiam os oleados e não cairmos pela borda fora. Tinha recomeçado a chover, daquela chuva miudinha. Só a notávamos nos oleados onde íamos sentados pois nós já não a sentíamos de molhados que estávamos das chuvadas anteriores.

O lento avanço era acompanhado pelo ronronar dos motores, como canção de embalar as crianças. O cansaço e o balanço, fazia o resto. Com estes pensamentos, gritei para o pessoal: **“NÃO QUERO QUE NINGUÉM ADORMEÇA”**. Na tropa as ordens são para serem cumpridas sem serem necessárias explicações. Eu sabia que se alguém adormecesse corria o risco de afrouxar a força na mão que os segurava á corda e cair para o único espaço disponível que havia para cair: o trilho entre o taipal e a berma. A consequência seria: quem caísse, era esmagado pelas oito rodas da Mercedes. Achava que todos tinham entendido o alerta. Porém, o militar africano que ia ao meu lado, passados 5 ou 10 minutos resvalou e desapareceu. Gritei para que parassem mas dentro da cabine ninguém me ouvia, corri feito louco a cambaleiar sobre o oleado molhado e bati com a coroa da G3 na cabine. Lá pararam passados uns bons 20 metros.

Nos meus 20 anos de idade, não queria imaginar ao espectáculo que me preparava para assistir. Tinha sido treinado para quase tudo menos para ver um homem esmagado. Os outros camaradas devem ter sentido o mesmo mas eu é que tive de saltar pela parte da traseira da viatura e avançar pela picada já percorrida á procura do corpo. Eis quando para minha surpresa, um fantasma negro, fardado, de G3 na mão a vir na minha direcção. Vi-o iluminado pelas luzes baças dos Jeeps que seguiam atrás de mim. Como não acredito em fantasmas, puxei a mão atrás e dei um valente estalo naquilo que via, para me certificar se era de carne e osso. Era!

O gajo estava porreiro, nunca ninguém soube, nem ele, como se safou.

Este pobre diabo, devia ter um problema de saúde pois adormecia por tudo e por nada. Era muito lento em tudo que fazia mas bom rapaz, como aliás todos os camaradas do Esquadrão. Infelizmente para ele, veio a morrer mais tarde numa flagelação que sofremos em Cabo Delgado, com uma rajada de sete tiros no peito. Todos saltaram do Unimog a tempo, menos ele. Nessa flagelação houve mais um ferido de bala, o condutor do Unimog, curiosamente, um militar desertor da Frelimo.

A coluna voltou a andar, todos despertos com o incidente e felizes por estarmos todos de saúde. Até parecia que a paragem depois do que tinha acontecido, tinha animado a malta.

Já passava muito da meia-noite, quando a merda da coluna volta a parar. Eu, que vinha quase no fim da mesma, os carros vassoura eram os Jeeps da secção de apoio, procurei saber qual era desta vez o motivo da paragem. A informação demorava a chegar, até que lá chegou: havia outra coluna militar que seguia na mesma direcção parada à nossa frente. Não conseguíamos passar nem ultrapassar. Era também uma coluna de reabastecimento escoltada pelos camaradas de artilharia, com as viaturas atascadas no matope até aos tomates e que entre outras coisas, transportavam também barris de vinho. Nem o matope nem o vinho os deixavam andar.

Estes rapazes não estavam com pressa, como nós, em fazer chegar o alferes a casa para passar a consoada com a família. Então, mesmo sem o bacalhau, atacaram no vinho e a única coisa que queriam era que os deixassem em paz a beber para esquecer a merda da situação em que todos estávamos. Mas, avançar era o nosso objectivo e tínhamos de continuar. Só havia uma solução, era contornar a coluna “*embriatascada*”. Com um Jeep a iluminar e a abrir caminho a corta mato e a moto-serra a cortar árvores, fomos contornando os camaradas da artilharia que estavam a fazer a festa de Natal em 24 de Dezembro ás duas da manhã. Rapazes jeitosos estes...

A muito custo, e após uma hora de esforço, lá reentramos na picada, ultrapassando a outra coluna.

Andamos mais meia hora, na “estrada principal” quando a Mercedes onde eu ia, avançando e derrapando, se inclinou para o lado direito e recusou-se a andar mais. Estava enterrada até aos “fagodes” Fizemos tudo para a desenterrar, entalando troncos de árvores entre as quatro rodas de tracção ao mesmo tempo que puxávamos com o guincho da Berliet rebenta-minas. A Berliet vinha atrás do guincho mas a Mercedes com doze toneladas em cima mais a seis de tara, encaçada no matope, nem se mexia.

Quatro da manhã. O pessoal estava esfomeado e exausto. Resolvemos descansar um pouco, até que começasse a amanhecer e podermos recomeçar os trabalhos com melhor visibilidade.

Mal amanheceu, “atámos” a Berliet a uma árvore, para a segurar e de novo com o guincho a ajudar, árvore que era de pequeno porte veio atrás e com ela, uma colmeia de abelhas que não tardaram a atacar-nos.

Só havia uma solução: reciclar os heróicos militares em estivadores e começar a descarregar a Mercedes que, transportava sacos de 50 Kg de cimento e para nossa surpresa grades de cerveja.

O pessoal cheio de sede, atirou-se à cerveja para desespero e ameaças dum furriel vagomestre que acompanhava as mercadorias e que surgiu por milagre não se sabe de onde.

O Moura, comandante da escolta e de tudo o resto que a nossa vista alcançava, senhor absoluto de tudo o que se mexia e não mexia, ordenou: “bebam à vontade”. Bebemos apenas para saciar a sede, pois excessos, todos sabíamos que não iam haver com nosso pessoal.

Por volta das oito da manhã, já com a Mercedes descarregada, apareceu uma pequena coluna em sentido contrário, composta por militares de Nova Viseu que aí à procura da outra coluna que tínhamos deixado para trás e que já tinha saído há dois dias de Vila Cabral e ninguém sabia deles. Com um Unimog “pincha” com guincho que “atámos” a duas Panhards colocadas lado a lado, conseguiu puxar e desenterrar a Mercedes. Ainda nos ajudaram a carregar os sacos de cimento e continuaram em sentido contrário ao da nossa marcha para encontrar a coluna das pipas de vinho. Chegámos a Nova Viseu por volta da onze da manhã. O capitão que lá estava era um gajo porreiro e disse-nos logo que mandava preparar almoço para o nosso pessoal todo e que seria um grande prazer para a Companhia que comandava, passarmos a noite de consoada com eles, pois, considerando as limitações inerentes ao isolamento, iria haver uma festa de arromba ainda por cima abrilhantada por tão ilustres visitantes.

Agradecemos imenso mas explicamos que nem almoçar podíamos. Tínhamos de descarregar (e ajudámos a descarregar de novo as duas Mercedes). Justificamos a razão da nossa pressa em regressar que era fazer com que o nosso alferes pudesse passar essa noite de Natal com a sua mulher e o filho. Era esse o grande objectivo, nesse dia, do 2º Pelotão do Esquadrão de Cavalaria 1.

O Mealha à frente de pé sobre o acelerador do rebenta minas, voou connosco atrás em direcção a Vila Cabral. Mal sabia ele que sete meses mais tarde iria voar a sério e aterrar umas dezenas de metros á frente da Berliet. Mas essa é outra história passada na Nó Górdéo.

Cerca das três da tarde do dia 24 de Dezembro, com tudo a correr bem, cruzamo-nos com a outra coluna, a do vinho, que não estava com pressa nenhuma de chegar a nenhum lado.

Parámos depois das pontes do rio Luangua, onde tínhamos uns tambores de gasolina super para reabastecer as Panhards. Estavam guardados pela guarnição que fazia a protecção ás respectivas pontes, e tinham sido lá deixados por nós, quando também estivemos a guardar essas pontes. Sabíamos que iam ser precisos mais tarde pois era uma zona onde passávamos frequentemente. Também me parece que poucos montes de merda, diga-se lugarejos, houve no Niassa, onde o Esquadrão1 não tivesse enterrado o nariz.

Reabastecemos de gasolina as Panhards e começamos de novo a marcha até que... pôrra! As Panhards não andavam, os motores começaram a falhar. Chamou-se o mecânico da secção de apoio para diagnosticar.

O motivo da avaria era água na gasolina. Tentou-se resolver o problema, andámos mais umas centenas de metros e os motores, a falharem acabaram, por parar definitivamente. Não havia solução para o problema, só no quartel.

Naquele tempo não sabia que os tambores de 200 litros de gasolina deviam ser guardados deitados pois, ao alto, com a água da chuva acumulada na parte superior por causa do rebordo, acaba por entrar, mesmo que o tambor esteja bem vedado. Entra por causa das variações de temperatura, os gases da gasolina são expandidos e saem com o calor e com o arrefecimento, o tambor contrai-se fazendo entrar a água que tem na superfície.

Como as Panhards não podiam ser rebocadas, tivemos de as carregar em cima das Mercedes agora vazias. Foi uma carga de trabalhos como se deve imaginar. Uma

Panhard pesa 4,5 toneladas mas com alguma imaginação, tempo e esforço, à hora do jantar da consoada do Natal de 1969, estavam onde as queríamos colocar.

Seguimos a viagem de regresso e parámos no Litunde às 10,30 da noite para desejar Bom Natal ao pelotão da guarnição.

Quando lá chegámos já deviam estar todos a dormir, pois apareceu-nos o alferes meio estremunhado com aquela visita inesperada e começou por dizer que só tinham sobrado três rabanadas e que para o nosso alferes ainda arranjava onde dormir.

Claro que ele se recusou. “Durmo onde dormirem os meus homens”. O alferes Moura estava sempre com o seus homens, para o bem e para o mal e não mandava fazer nada sem que primeiro ele próprio o fizesse para dar o exemplo. Quase todos os milicianos agiam desta forma.

Quando o Esquadrão esteve a guardar as pontes do Luangua (a), caçávamos toda a noite (se não queríamos comer só ração de combate) e distribuíamos a carne em excesso, durante o dia, pelos quartéis próximos, inclusive o do Litunde. Nunca eles comeram tão bem. Agora compensavam-nos com três rabanadas.

Passámos mais uma noite húmida, cobertos com oleados, encostados uns aos outros por causa do frio e com o estômago a reclamar por uma refeição quente.

Mal raiou o dia, seguimos viagem sem mais incidentes. Parámos no Homem para dar aos miúdos da povoação o que sobrou das rações de combate.

Ainda fomos almoçar a Vila Cabral e passamos o resto da tarde do dia de Natal, e a noite a deambular pelas ruas como zumbis.

Manuel Serafim de Matos Sousa
ex-furriel miliciano

Nota final

Enquanto fazia este registo escrito soube o seguinte:

- O ex-alferes Moura, vivia no Algarve e faleceu há mais de dois anos. Esta notícia encheu-me de profunda tristeza;
- O ex-sargento miliciano Carvalho também já faleceu;
- O condutor de rebenta-minas Mealha, vive no Entroncamento e está bem. Procura minas nos atalhos e caminhos mas nunca mais as encontrou. Por cada ano que passou, aumentou 1,5 kg de peso ($1,5 \times 40 = 60$). Diz que é dos achigãs que pesca.
- O Manuel Rodrigues vive no Algarve e pintou o cabelo de branco. Ainda está operacional, pronto a conduzir a Panhard e rebentar mais umas minazitas.

Eu e o Viriato, de vez em quando ainda fazemos umas colunas mas em auto-estrada e em vez de rações de combate comemos umas “almoçaradas”.

Gostava de saber dos outros camaradas mas é difícil, sobretudo dos dedicados e leais soldados africanos que ainda nos teriam muito a ensinar sobre ética e educação que caracterizam os povos de Moçambicanos.

(a) É também outra história digna de registo, para ser contada noutra altura

IMAGENS:



Ilustração 1 Mercedes enterrada.



Ilustração 2 Começar a descarregar sacos de cimento.



Ilustração 3 Cerveja 2M e parte do pessoal do 2º Pelotão



Ilustração 4 Panhard avariada em cima de Mercedes e o condutor Manel Rodrigues com cara de “chateado”



Ilustração 5 O Moura e eu sentados no rebenta-minas na povoação de Homem



Ilustração 6 Povoação de Homem



Ilustração 7 O Viriato sentado no rebenta-minas.